

Construindo pontes de esperança, fé e amor

Relacionamento com muçulmanos seguindo o método de Jesus

GANOUNE DIOP

Este artigo intenta compreender a estrutura fundamental do Islã em relação à cosmovisão da teologia cristã. É um convite ao relacionamento cristão com pessoas de cosmovisão islâmica em um mundo cada vez mais dividido por fronteiras étnicas e religiosas.

Os editores

As reflexões a seguir não tem o objetivo de apresentar informações a respeito de uma religião mundial multifacetada: o Islã e seu projeto para a humanidade. A finalidade é mostrar o método de Cristo para Se relacionar, testemunhar e ministrar a pessoas que professam qualquer religião ou nenhuma. A missão de Jesus foi toda baseada no fato de Ele ser ungido pelo Espírito Santo e produzir o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Todos os que alegam seguir o modelo de Jesus devem se relacionar com os outros do modo como Ele Se relacionou. Jesus construiu pontes mantendo diálogos genuínos, verdadeiros, e Se comprometia com o bem-estar dos outros. As relações entre religiões são um fórum ideal para imitar o caráter, exemplo e métodos de Jesus.

Entretanto, antes de tentarmos oferecer essas reflexões, devemos reconhecer que cada tradição religiosa representa um mosaico de crenças, tendências e movimentos. Em cada uma

delas é possível distinguir diversas versões da mesma religião. Existem também compreensões antagonistas sobre a forma ideal de como cada religião deva ser definida.

Uma compreensão esclarecedora são os fatores das várias identidades do Islã, reivindicações essenciais e distinções contextuais dos muçulmanos. Esses certamente compartilham ideais. Eles são identificados pelos pilares do Islã, como a confissão de fé, orações, atos de caridade, jejum e peregrinação a Meca. Os muçulmanos também compartilham princípios essenciais como piedade e senso de justiça. No entanto, várias expressões locais da religião islâmica apresentam um discurso global que, aparentemente, torna o Islã complexo e, muitas vezes, desafiador.

É do Alcorão, considerado infalível, que os muçulmanos compartilham os princípios e virtudes das outras duas religiões muitas vezes descritas como tradições religiosas monoteístas abraâmicas. Todas valorizam a misericórdia e a compaixão, que estão entre os atributos de Deus, descritos no primeiro capítulo (*surah*) do livro que todos os muçulmanos reverenciam. Espera-se de todo muçulmano a virtude suprema chamada “*taqwa*”, que é traduzida por “piedade”, “justiça”, ou até “temor ou constante reverência a Deus”. A generosidade e partilha dos bens com os necessitados são altamente recomendadas nas escrituras muçulmanas. Então, o que distingue essa religião, cujos adeptos compõem aproximadamente 1,6 bilhões da população do mundo?

Olhando mais de perto

O Islã é uma religião fundamentalmente baseada na unicidade de Alá, nome árabe para Deus, a unicidade da realidade, a unicidade da existência humana, e a unicidade da religião.

Destina-se a unificar o mundo fundamentado na unidade das religiões reveladas, que são todas as expressões do Islã, religião primordialmente revelada.

Dessa perspectiva, para os muçulmanos, Adão, Abraão, Moisés e Jesus eram todos muçulmanos, uma vez que se submeteram e se dedicaram ao único Deus, Alá. De acordo com o profeta Maomé, o Islã é uma restauração da religião adâmica primordial e da pura fé de Abraão.

Olhando por outro ângulo, o Islã se apresenta como um protesto contra qualquer atitude que ameace desfazer a unidade da existência, sendo uma crítica severa contra o politeísmo e a idolatria. Na essência, sua reivindicação é a restauração da verdadeira adoração, que primariamente significa submissão ao único Deus Alá, o Senhor das palavras e de toda a realidade. Essa submissão, dentre outras formas, é expressa por meio da reverência durante os rituais de oração.

O Islã tem, no cerne, a solução para reunir toda a família humana. Se, como comunidade global, os muçulmanos podem se reunir para desempenhar seu papel vital e significativo de unificação da existência humana em justiça, harmonia e paz, é um desafio que ainda não foi conquistado.

As particularidades da ideologia árabe aparentam ser um obstáculo quase intransponível. O Pentecostes bíblico com seu quadro revolucionário de diversidade dentro da unidade do Espírito Santo não está em sua trajetória. A elevação do árabe como um idioma sagrado pode apresentar-se como uma inexpugnável barreira para o reconhecimento de todos os idiomas como veículos convenientes.

Relacionamentos e conquistas

Ao longo da história, milhões de muçulmanos têm abraçado outros grupos de povos e suas características, idiomas e culturas singulares.

As conquistas e a forma criminosa como milhares de pessoas foram subjugadas para a religião muçulmana foram alternadas com as relações interétnicas e inter-religiosas nobres. Comerciantes muçulmanos fizeram negócios justos e de boa fé com várias populações locais enquanto que os conquistadores muçulmanos também conquistaram brutalmente, castraram e escravizaram povos da África à Índia, até o sudeste da Ásia e de outros lugares. Semelhante ao tráfico transatlântico de escravos, o tráfico de escravos transaariano não foi menos genocida. Ele começou antes e durou por muito mais tempo.

Entre a unidade ideal da humanidade, a unidade da religião verdadeira, e a unidade de todos os povos como descendentes de Adão, o contexto real da vida dos muçulmanos em vários países, regiões e localidades contam histórias diferentes, destacando a interação complexa das múltiplas camadas de divisões humanas, esforço para fazer sentido, e diferenças de interpretações da religião que alegam ser uma só. Dentro do próprio Islã, as abordagens ao divino e as relações com o resto da humanidade são interpretadas de várias maneiras.

Mais de uma voz

A história contém narrativas sobre a unidade em nome de um único Deus, de uma comunidade e um destino comum, bem como narrativas de divisões, pluralidade de modelos de existência diante do ser divino que é totalmente irreduzível a qualquer dogma ou fórmula. Histórias de divisões baseadas em diferentes compreensões da legitimidade da liderança

constituem parte do fundamento da religião chamada de Islã. Entre os muçulmanos xiitas, a necessidade de restauração da orientação suprema da comunidade muçulmana, separa milhões entre os adeptos da religião sobre a qual alegam igualdade. Os muçulmanos sunitas não esperam por um imã escatológico, ou aiatolá (“sinal de Deus”), como líder dos muçulmanos especialmente durante o tempo do fim. Embora construída de forma diversa das crenças do Novo Testamento, a expectativa do retorno do Messias Jesus Cristo é uma esperança sempre presente no discurso islâmico sobre o cenário do tempo do fim.

Há, de fato, lacunas e diferenças no modo como o Islã é interpretado dentro das próprias comunidades muçulmanas. Além da lealdade à origem divina, ao texto inimitável do Alcorão em árabe, a infalibilidade da revelação sobre a vontade de Alá, a comunidade é mais um mosaico do que uma religião única. Os sunitas, xiitas e sufistas, mencionando somente as tradições principais, oferecem uma variedade de versões de suas percepções, pretensões e trajetórias de compreensão.

Começando pelo início da história da comunidade muçulmana, a rivalidade e conflitos internos sempre fizeram parte da luta pela alma do Islã, a tal ponto que três dos quatro sucessores imediatos do profeta Maomé foram assassinados.

Mesmo que as divisões entre os muçulmanos sejam um fenômeno complexo que envolve vários elementos políticos, tribais, socioculturais e econômicos, as lealdades sectárias têm desempenhado um papel importante nos conflitos que dividem as comunidades muçulmanas. Os elementos religiosos sectários podem explicar algumas das divisões entre os muçulmanos. Guerras por procuração integram todos esses elementos. A rivalidade entre sunitas versus xiitas — embora não seja o único fator — desempenha um papel importante que

não deve ser subestimado. Esses fatores exercem influência no Iraque, na Síria e no Iêmen. Foram fatores importantes na guerra Irã/Iraque, que se estendeu por quase uma década. Também formam um elemento no cenário religioso libanês. A tensão atual entre a Arábia Saudita e o Irã é mais uma demonstração de fidelidade entre linhas sectárias. Não é surpreendente, por exemplo, que na lista de países aliados aos sauditas, não se encontram o Kuwait, Emirados Árabes e o Sudão, pois são países dominados pelos sunitas.

No entanto, essas divisões não contam toda a história. Os muçulmanos têm inscritos em sua religião princípios de solidariedade, que, se seguidos, aproximaria muito mais toda a comunidade da família humana. Mas o problema não é o Islã. O sectarismo humano, o egoísmo exclusivista e os intentos assassinos e de conquista, roubam de toda a família humana o direito à paz, à justiça e à liberdade.

Aprendendo no campo da Religião Comparativa

Quando visto pelo prisma da religião comparativa, os muçulmanos analisam as outras religiões, e o cristianismo em particular, a partir de uma série de perspectivas.

O Islã radical revoga a religião cristã, e professa restaurar a verdadeira religião, que foi corrompida ao longo da história.

Além da radicalização ou politização da religião islâmica por uma minoria entre os muçulmanos, alguns defendem a revogação da fé cristã, seguida por uma restauração. Oferecem então ideias singulares sobre como o cristianismo e o islamismo adotam cosmovisões diferentes.

Os muçulmanos têm o direito de afirmar que possuem a melhor religião, o livro mais acurado e o maior profeta. O direito a tais afirmações é assegurado pela liberdade religiosa, garantido por pactos internacionais, convenções, tratados, declarações e leis. A liberdade de pensamento, crença, consciência e expressão são uma prerrogativa de todos os indivíduos e grupos de pessoas.

Segundo as crenças e práticas muçulmanas, o Islã restaura o estado de santidade ligado a lugares, objetos e povos que o cristianismo bíblico tende a relativizar a favor do acesso direto a Deus Pai por meio do Filho, Jesus Cristo, e por meio do Espírito Santo.

Tal linguagem sobre Deus e essa especulação sobre a Sua natureza não é parte do discurso do Islã. Até a ideia de filiação aplicada a seres humanos como filhos adotivos de Deus também não é encontrada no discurso islâmico, embora esse seja o cerne da nova identidade daqueles que creem em Jesus Cristo. Falando sobre Jesus como a Palavra Eterna de Deus, o Evangelho de João declara o seguinte: “Veio para o que era Seu, mas os Seus não O receberam. Contudo, aos que O receberam, aos que creram em Seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus” (Jo 1:11-13, NVI).¹

A vinda de Deus, em Jesus Cristo, estabeleceu a nova aliança essencialmente caracterizada pela liberdade de ter acesso direto a Deus.

1. O conceito subvertido de “Lugares Santos”

Jesus disse à mulher samaritana que lugares como Jerusalém ou o Monte Gerizim já não eram mais lugares sagrados obrigatórios e, portanto, da perspectiva da nova aliança, a

peregrinação em si não é mandatória. Deus procura adoradores que O adorem em espírito e em verdade (Jo 4).

Devido à presença de Deus em Jesus Cristo e por meio do Seu Santo Espírito, onde dois ou três estiverem reunidos no nome de Deus Ele promete estar presente. Além disso, Deus tem a liberdade de habitar nos crentes que se tornam templos de Deus, conforme 1 Coríntios 6:19.

A centralidade de Meca, conectada ao quinto pilar do Islã, o Hajj, coloca o Islã em outra trajetória quando se trata da importância dos lugares sagrados.

2. A mudança na função das linguagens sagradas

No Pentecostes, todas as línguas se tornaram um veículo sagrado. Todas se tornaram santas em virtude do fato de que são capazes de expressar as maravilhas de Deus. O Islã, porém, reintegra e eleva o árabe como a única língua sagrada a ser usada na oração e no culto. Até hoje é questionada a possibilidade de tradução da linguagem do Alcorão. Na melhor das hipóteses, traduções são vistas como interpretações aproximadas. A crença de que o Alcorão é insubstituível reforça essa compreensão.

3. Reconsiderada a condição dos objetos sagrados ou sacrifícios

A condição dos objetos sagrados – sacrifícios, água benta, ou relíquias – não é unanimidade interpretada favoravelmente entre os cristãos. Quando se trata de sacrifícios, Jesus Se apresenta como o sacrifício máximo, mais do que suficiente, que torna obsoleta a necessidade de sacrifício de animais. A maneira como o assunto é expresso em Hebreus 10:1-7, é muito significativa:

“A Lei traz apenas uma sombra dos benefícios que hão de vir, e não a sua realidade. Por isso ela nunca consegue, mediante os mesmos sacrifícios repetidos ano após ano, aperfeiçoar os que se aproximam para adorar. Se pudesse fazê-lo, não deixariam de ser oferecidos? Pois os adoradores, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais se sentiriam culpados de seus pecados. Contudo, esses sacrifícios são uma recordação anual dos pecados, pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados. Por isso, quando Cristo veio ao mundo, disse: Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; de holocaustos e ofertas pelo pecado não te agradaste. Então eu disse: Aqui estou, no livro está escrito a meu respeito; vim para fazer a tua vontade, ó Deus” (NVI).

Baseado nesse texto, os cristãos deixaram de oferecer sacrifícios de animais. No entanto, os cristãos adotaram uma interpretação diferente quando se trata do que é chamado de eucaristia, elementos da comunhão, emblemas do sacrifício de Cristo, por meio do qual Sua presença mística é representada ou tornada real. Os diálogos e relações entre as igrejas tropeçam muito nesse assunto vital do cristianismo.

4. Revogada a necessidade de um povo sagrado para mediação com o Divino

A revogação do sacerdócio levítico foi um dos principais argumentos do escritor da epístola aos Hebreus, no Novo Testamento. Seu principal argumento é o seguinte: Os sacerdotes levitas morriam e, naturalmente, deviam ser substituídos. Sucessão era, portanto, uma parte integrante do seu mandato. Por outro lado, por ter vencido a morte, Jesus Cristo vive para sempre. Consequentemente, Jesus tem um sacerdócio insuperável. Seu ministério como sumo sacerdote não é transmissível pelo fato de que Ele pode salvar completamente

aqueles que vão a Deus por Seu intermédio (Hb 7:23). Isso porque Cristo está sempre vivo para interceder e vir ao auxílio dos que necessitam dEle, argumenta o autor da epístola. Toda a lógica para meditação e intercessão dos líderes espirituais dentro da tradição Islã Sufi é desafiada por esse conceito bíblico, segundo o qual somente Deus pode levar a Deus. Jesus Cristo – o Deus encarnado – é o único Mediador, segundo a epístola de Paulo. Todos os seres humanos têm acesso a Deus, que criou cada pessoa à Sua imagem.

A religião cristã está totalmente fundamentada no novo acesso a Deus, tornado possível pelo próprio Deus ao descer até a humanidade, em Jesus Cristo, de quem é dito ser o único Mediador entre Deus e os seres humanos, conforme 1 Timóteo 2:3-6: “Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual Se entregou a Si mesmo como resgate por todos” (NVI).

5. Revelado o conceito de igualdade na dignidade diante de Deus

O conceito de igualdade é central na nova aliança de direto acesso a Deus. Ele tem uma disposição favorável em relação a cada pessoa, pois criou cada uma delas à Sua imagem. A vontade absoluta de Deus é receber cada um dos Seus filhos. Jesus fez um apelo nesse sentido a cada um.

“Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o Meu jugo e aprendam de Mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve” (Mt 11:28-30, NVI).

Jesus prometeu que não rejeitaria a ninguém que fosse a Ele. Uma das razões de Sua insistência em revelar a Deus como Pai era encorajar a família humana, pois podemos ir diretamente a Deus. O conceito de igualdade é o cerne da fé em Jesus. Essa igualdade é baseada na promessa de acesso direto a Deus pela nova aliança.

6. Expandido e redefinido o conceito de nação e povo santo

Na carta que leva seu nome, o apóstolo Pedro descreve uma comunidade inclusiva de pessoas de todas as nações, de todos os grupos de pessoas como pertencentes ao povo de Deus, povo santo e nação santa. Ele expressa esta ideia da seguinte maneira: “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam” (1Pd 2:9, 10, NVI).

Considerar qualquer grupo étnico como superior é contrário à revelação de nossa humanidade comum. A eleição de Abraão por Deus significava que seus descendentes deviam ser e levar bênção a todas as famílias da terra (cf. Gn 12:5).

7. Transcenderam as diferenças religiosas e culturais

As características culturais distintas que vieram com o conceito de eleição são fundamentais para definir a autoidentidade. São transcendentais em favor da nova aliança, onde o que importa está em outro lugar. Repetidamente, o apóstolo Paulo afirma o assunto.

“De nada vale ser circuncidado ou não. O que importa é ser uma nova criação. Paz e misericórdia estejam sobre todos os que andam conforme essa regra, e também sobre o Israel de Deus” (Gl 6:15, 16, NVI).

“Porque em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão tem efeito algum, mas sim a fé que atua pelo amor” (Gl 5:6, NVI).

“A circuncisão não significa nada, e a incircuncisão também nada é; o que importa é obedecer aos mandamentos de Deus. Cada um deve permanecer na condição em que foi chamado por Deus” (1Co 7:19, 20, NVI).

Portanto, estar na nova aliança consiste em ser uma nova criatura, ter uma religião que se expressa amando e guardando os mandamentos de Deus.

8. A condição de servo é transformada em filiação

O evangelho anuncia a todo aquele que crê no nome de Jesus, que Deus nos deu o poder de sermos chamados filhos de Deus (cf. Jo 1:12). Um dos conceitos básicos sobre a salvação é a compreensão da adoção.

Não há condenação para os que estão em Cristo, insiste Paulo. Adiante ele especifica: “Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os torna filhos por adoção, por meio do qual clamamos: “Aba, Pai”. O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se de fato participamos dos Seus sofrimentos, para que também participemos da Sua glória” (Rm 8:15-17).²

Para os redimidos, a realidade da filiação é uma das características distintas da religião cristã bíblica. O conceito de seres humanos mantendo uma relação filial com Deus é parte integral das boas novas da religião cristã. Isso não é enfatizado no Alcorão. Provavelmente porque o uso de tal conceito vai de encontro à crítica mordaz contra a representação idólatra de filhos e filhas do deus Kaaba dos tempos pré-islâmicos. Além disso, o conceito de Filho de Deus vai contra o conceito da unicidade de Deus. No entanto, no cristianismo, esse conceito de filiação é central tanto na natureza de Deus como à condição de redimido.

9. A Segunda Vinda como esperança de triunfo sobre o mal

A segunda vinda de Jesus é o momento decisivo quando todos os reinos deste mundo serão sucedidos pelo reino de Deus como profetizado nos livros de Daniel e Apocalipse e em outras referências bíblicas. Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores irá assumir Seu reino universal. Essa é a essência da bem-aventurada esperança, de acordo com a nova aliança (ver Tt 2:11-15). Além disso, como prometeu, Jesus ressuscitará os que creem nEle (Jo 6:40). Ele pode fazer isso porque venceu a morte. Ele tem as chaves da morte e do inferno (Ap 1:18 ARA).² Ele é a ressurreição e a vida. Esse evento é o clímax da história do mundo, quando a ressurreição de Jesus e a vitória sobre a morte beneficiarão os crentes. A pedra angular da religião cristã é que Jesus tem poder para ressuscitar os mortos.

10. A salvação é concebida como participação na vida e no destino de Jesus Cristo

No Islã, a salvação é um conceito multifacetado. É a entrada no Paraíso. Trata-se de segurança, proteção, prevenção do inferno, e a recompensa ou prêmio de desfrutar da felicidade eterna.

No cristianismo, a trajetória predominante da salvação é sobre a reconciliação, expiação, volta para casa e o convívio com Deus. No cristianismo, a compreensão de salvação está inscrita em uma trajetória diferente.

Trata-se de um Deus que amou tanto àqueles a quem criou à Sua imagem que Se uniu a nós em nossa condição humana. Ele Se identificou conosco, assumindo o pecado e a maldição que pairava sobre toda a humanidade e criação. A fim de expurgar o universo, Ele absorve o pecado que se tornou parte de todos os aspectos da existência humana.

A salvação é a restauração do relacionamento com Deus. Como no Islã, é a submissão à vontade de Deus, a entrada em Seu reino, que começa aqui e agora – embora sua consumação só aconteça com a segunda vinda.

Jesus dá o exemplo do que significa ser salvo, quando diz: “Seja feita a Tua vontade.” Jesus personifica a salvação. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Ninguém, disse Ele, vai a Deus se não for por Ele, na comunhão com o Espírito Santo. Seu próprio nome significa: “Jeová salva.” É essa Sua identidade e missão. Ele veio à Terra para que os seres humanos tivessem vida e a tivessem em abundância.

A salvação por meio de Jesus também é a neutralização dos poderes do mal, os espíritos do mal que destroem a criação de Deus. Jesus demonstrou o poder de torná-los inofensivos. Em última análise, a salvação é libertação do que a Bíblia chama de último inimigo, a morte. A ressurreição de Jesus nos trouxe uma nova era. Portanto, nada pode privar os crentes em Deus de obter acesso livre à comunhão com Deus.

Salvação significa estar unido a Cristo, ser enxertado à Sua vida, participar de Sua vitória e da Sua história. O cristianismo é principalmente crer e experimentar os triunfos da vida como graciosamente disponibilizados em Jesus Cristo.

Conclusões

O Islã é uma religião complexa, apesar de parecer simples, com seus pilares claramente definidos. Certamente não reflete um monólito, mas um mosaico. É uma religião diversa e multifacetada que desafia generalizações. Os muçulmanos parecem unidos pelos fundamentos da religião, mas paradoxalmente, embora confirmada, a unidade permanece ilusória. A religião que afirma incluir a paz como um princípio fundamental intrínseco, tem seus adeptos engajados em várias guerras que começaram no seu início e ainda fazem parte de divisões que corroem a realidade ideal. O Islã, em si, não deve ser culpado pela politização ou militarização de uma religião que se propôs a abordar as injustiças sociais, maldades, falta de solidariedade e desigualdades na Península Arábica do sétimo século d.C.

As pessoas têm o direito de fazer reivindicações; os muçulmanos também têm esse direito, assim como os cristãos. As pessoas de qualquer religião, ou mesmo sem religião, têm o direito à sua liberdade de consciência e expressão. A vida em sociedades pluralistas requer esse nível de tolerância, sem necessariamente endossar as crenças de outros povos ou a falta delas.

Os muçulmanos compartilham com outras religiões monoteístas, princípios como a compaixão, misericórdia, hospitalidade, generosidade, solidariedade e o cuidado dos pobres, viúvas e órfãos. De fato, a ajuda a essas pessoas vulneráveis é o fator central do que significa ser muçulmano. Há atributos similares de Deus mencionados tanto no Islã, no cristianismo,

como em outras tradições religiosas. Entretanto, quando se trata da compreensão de quem é Deus e como Ele se relaciona com a humanidade, as diferenças são irreconciliáveis. As trajetórias desenvolvidas no Islã e no Cristianismo não são similares. A divindade de Jesus Cristo e Sua obra de salvação não fazem parte do discurso islâmico.

Os dois edifícios do Cristianismo e do Islã são construídos sobre fundamentos diferentes. No entanto, há similaridades de princípios, que permitem às pessoas de boa vontade, respeitar e honrar um ao outro em nome da humanidade em comum. As pessoas podem não acreditar nas mesmas coisas, mas podem aceitar genuinamente a humanidade e o direito que as pessoas têm de serem respeitadas. As pessoas se sentiam especiais quando se encontravam com Jesus. As que se encontravam com os Seus discípulos sentiam a mesma coisa, como se tivessem encontrado o próprio Jesus. É possível e até mesmo elogiável permanecer firme, inabalável e fiel às crenças, cosmovisão e princípios. No entanto, essa atitude não deve, de forma alguma, impedir de revelar amor e compaixão para com os outros, da mesma forma como Aquele que é a personificação da verdade livremente Se misturava com as pessoas promovendo a vida com o fruto do Espírito Santo.

Ganoune Diop, PhD, é diretor de relações públicas da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia e serve como secretário geral da Associação Internacional de Liberdade Religiosa.

PULLQUOTES:

Todos os que alegam seguir o modelo de Jesus, devem se relacionar com os outros do modo como Ele Se relacionou.

As lealdades sectárias têm desempenhado um papel importante nos conflitos que dividem as comunidades muçulmanas.

¹ Os textos bíblicos especificados como NVI, foram extraídos da Nova Versão Internacional. Usado com permissão.

² O texto bíblico especificado como ARA, foi extraído da versão Almeida Revista e Atualizada. Usado com permissão.